

De trevas e luzes

Crítica de *3 maneiras de tocar no assunto*

Por Renan Ji

Os porquês

Na peça escrita por Leonardo Netto e dirigida por Fabiano de Freitas, temos três quadros (ou maneiras) de falar sobre a lgbtqia+fobia. A estrutura do monólogo se desdobra em três linguagens, que resumo a partir do que considero dicções ou elocuições: o sarcasmo em “O homem de uniforme escolar” (para abordar o tema do bullying e do assédio escolar); o camp em “O homem com a pedra na mão” (para narrar uma história fictícia a partir da revolta de Stonewall); e a oratória em “O homem no congresso nacional” (para reencenar algumas declarações e trechos do discurso de Jean Willys no Congresso Nacional, no dia do orgulho lgbtqia+, em 2011).

Nesse sentido, cada quadro da peça tem suas particularidades e ritmos, uma maneira específica de narrar e pensar. Mas gostaria de revisitar alguns elementos do texto e da encenação que transpassam essas três maneiras, surgindo num quadro e retornando em outro, criando conexões horizontais entre as três histórias. Um primeiro elemento que me chama a atenção é a postulação de porquês em cada uma delas. Vejo-os como pontos nodais que irradiam as profundas motivações desse trabalho teatral.

O jovem norte-americano Daniel, de 16 anos, pergunta “por quê?” a um dos seus agressores, em conversa registrada no celular, um pouco antes de cometer suicídio. A pergunta do rapaz, vítima de bullying, ecoa na pergunta coletiva que o narrador do segundo quadro atribui aos frequentadores do Stonewall: um “por quê?” generalizado e tácito a policiais que reprimiam não apenas a existência de um bar, mas o direito básico de pessoas se reunirem em comunidade. De policiais em 1969 para deputados e senadores brasileiros nos dias de hoje, um último “por quê?” é dirigido a congressistas que barram política e juridicamente os avanços dos direitos civis de pessoas lgbtqia+.

Todos esses porquês denunciam o absurdo do ódio conservador. Por que odiar, matar, negar direitos? O silêncio que se segue em cada um desses três momentos revela a consternação do ator, dos personagens e do público, perante o preconceito e a intolerância.

Das trevas

3 maneiras de tocar no assunto muitas vezes recorre a estratégias cênicas de forte impacto, que provocam e enervam os sentidos. No primeiro quadro, o desfecho com a música “Smells like teen spirit”, da banda Nirvana, foi deslocado (mas talvez nem tanto) na direção da violência do bullying escolar. Sem a voz de Kurt Cobain, a batida e as guitarras

inconfundíveis da música me remeteram a adolescentes odientos e aos despotismos da instituição escolar, o que de alguma forma provoca afetos (de medo, revolta) que se misturam a uma reflexão possível acerca desse problema social da infância e da juventude. O bullying é analisado na peça como prática relacionada à tortura e ao assédio, configurando um problema educacional – olhem para seus meninos e meninas, diz o ator Leonardo Netto. Porém, é de igual relevância perceber como o recurso musical mexe com nossas emoções, interferindo em alguma medida na possibilidade de uma visão mais racional sobre esse problema.

Tal estratégia de encenação, que mistura reflexão profunda e sensorialidade impactante, também pode ser vista num outro momento da peça. A questão do abuso escolar retorna de maneira incidental no terceiro quadro. O congressista gay (que remete diretamente à própria figura de Jean Willys) afirma ter sofrido xingamentos de um deputado na Comissão de Direitos Humanos, numa atitude que ele afirma ser típica de quinta série. Um som de sineta escolar surge logo em seguida e nos ensurdece. Esse sinal parece transformar congressistas adultos em meninos de quinta série deformados e hipertrofiados, tanto mais assustadores na medida em que percebemos uma masculinidade tóxica comum entre esses dois perfis sociais. O congresso vira uma escola primária; nossa política está nas mãos de meninos velhacos e idiotizados.

Por último, ainda falando dos recursos de encenação ligados à sonoridade, temos a música “One (is the loneliest number)”, composta por Harry Nilson, relida numa versão metal pela banda Exxplorer. Ela termina o espetáculo como trilha sonora de uma série de imagens projetadas ao fundo do palco. Revisitando fatos históricos e contemporâneos, relembrando episódios conhecidos ou fragmentos de notícias, o desfecho da peça pode provocar gatilhos, porque é explícito na exposição da lgbtqia+fobia, com imagens de corpos feridos, vídeos de agressão a pessoas trans, manchetes de jornal preconceituosas e variados signos de violência e opressão. Essa sequência ilustra de maneira perturbadora a perseguição secular a que Jean Willys alude no seu discurso reencenado. A propósito, é de se notar no terceiro quadro o som de microfonia que volta e meia interfere na performance de Leonardo Netto, um ruído que agride os ouvidos e transfigura teatralmente a violência do Congresso Nacional.

A partir desses três aspectos da cena, percebemos como *3 maneiras de tocar no assunto* é uma peça difícil, que busca falar da violência procurando formas de expressão que possam ser tão contundentes quanto o próprio problema que deseja abordar. Já tendo visto o trabalho duas vezes (2019 e 2024), é de se notar como o espaço compacto do Teatro Café Pequeno, o calor no dia da apresentação, a lotação do teatro, foram dados que contribuíram para realçar ainda mais a denúncia e a atmosfera opressiva da peça.

Das luzes

O espetáculo permite poucos respiros e momentos de decompressão dessa atmosfera densa. São fragmentos desconectados, aparentemente isolados nas trevas, pontuando aqui e ali a dramaturgia. Lampejos que não se comunicam diretamente, apenas sob um viés oblíquo e insuspeito.

É de se esperar que estejam mais concentrados no segundo quadro, “O homem com a pedra na mão”. A narrativa assume um tom mais humorístico, típico do cotidiano e da cena gay masculina, com referências a Judy Garland numa crônica de costumes da vida queer na década de 60. A marginalização e a repressão estão presentes, mas convivem com o deboche e a irreverência queer. A música “You Came, You Saw, You Conquered”, do grupo feminino The Ronettes, é um alívio solar e lúdico (porém momentâneo) que se contrapõe à imagem anterior dos encontros furtivos em caminhões de frigorífico, em que o narrador associa o sexo gay ao cheiro de sangue coagulado.

Ainda na história relacionada a Stonewall, a vibração provocada pelos graves das caixas de som, que surge no crescendo da insurreição, são um poderoso signo sonoro, que me desperta um sentimento de revolta coletivo e telúrico, na mesma medida que espontâneo e limítrofe. É curioso perceber como há algo de sobrenatural nessa percepção sensorial, o que me remete ao filme *Carrie, a estranha*, de 1976, mencionado no primeiro monólogo, “Poder”. A certa altura deste, o ator Leonardo Netto fala do garoto Leonardo que, após anos de bullying, sonhava ser Carrie para matar todos os colegas na formatura.

Mesmo sendo uma referência bastante isolada, eu guardei com certo carinho essa alusão ao filme de terror cult, inspirado no romance de Stephen King. Frequentemente, pessoas lgbtqia+ se refugiam no imaginário para resistir à inadequação e à violência simbólica e concreta da sociedade. Nesse sentido, fingir que temos poderes sobrenaturais acaba sendo um correlato peculiar de uma fixação em Judy Garland, e basta um pulo para adentrar a fantasia anárquica das drag queens e drag kings das casas noturnas. Eu já desejei ter poderes sobrenaturais, já sonhei ser um anjo vingador (e sangrento, por que não?) de todas as injustiças cometidas contra mim e a minha comunidade. Creio que esse sentimento é uma faceta de um imaginário que está sempre suprindo com fantasias exuberantes uma realidade áspera e estéril.

Como diria o congressista no fim da peça, há muitos tempos na nossa comunidade: tempo cis, tempo trans, tempo drag, tempos binários e não binários... A não binariedade desafia noções de gênero e práticas sociais tão arraigadas a ponto de serem tomadas como naturais. Descobrir-se homem no corpo de uma mulher, projetar em Judy Garland a mulher que temos dentro de nós, ou simplesmente não querer ser homem nem mulher – em tudo isso, vejo a coragem de desafiar o “natural”, leia-se, o normativo ou o biológico. Tais superpoderes brilham esparsos, quase afogados, nas trevas de *3 maneiras de tocar no assunto*. Mas me agarro a eles, porque há algo de mágico na existência queer, algo que contraria as expectativas e força os limites antes considerados inamovíveis.

Renan Ji é crítico de teatro da Revista Questão de Crítica e professor de literatura brasileira da UFRJ.